

500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Marlon Ronald Fluck

1. Quinhentos Anos de Que?

Quando abordamos o assunto dos 500 anos da presença branca na América Latina, temos de iniciar perguntando se, de fato, o papel que esses desempenharam foi o de evangelistas. Afinal, o que é evangelização? A Bíblia nos diz que evangelizar é anunciar a “boa notícia” (esse é o sentido literal da palavra grega “evangelho”) de que Cristo morreu pelos nossos pecados, foi sepultado, foi ressuscitado e apareceu vivo a vários dos seus seguidores, e que também quer aparecer vivo na história de nossa vidas pessoais e comunitárias no momento que nos toca viver. Retomemos a questão: Teriam espanhóis e portugueses evangelizado, comunicando o que Cristo fez na Cruz e Ressurreição e o que estaria disposto a fazer a favor da vida dos povos latino-americanos?

Gostaria de, ao lado do termo *evangelização*, colocar o conceito *cristianização*. Cristianização é mais do que anunciar as boas notícias de Cristo, deixando as pessoas livres para se posicionarem frente às mesmas. Cristianização é o intento de sobrepor uma cultura impregnada por elementos de cristianismo por sobre uma cultura e visão de vida completamente distinta. Eu entendo o que se deu na América Latina como Cristianização. Na cristianização pode haver parcialmente elementos de evangelização, mas há além disso imposição de cultura, sistema de organização social e sistema religioso conjuntamente. *Cristianização* não é sinônimo de *Evangelização*.

2. A Situação Histórica

Os espanhóis chegaram às Américas através das ilhas do Caribe. Em Santo Domingo que aportaram pela primeira vez. O que se sabe é que, quando chegaram

os nativos os receberam com a naturalidade e a inocência a que estavam acostumados, deixando-os entrar em suas casas, onde tomavam tudo o que bem entendiam, como se fosse tudo seu. (...)

(...) nunca haviam guerras ou diferenças entre os índios desta ilha, disse Oviedo. Ambas as coisas apareceram com os conquistadores (...); e as guerras não haverão de cessar até o aniquilamento total dos indígenas.

A conquista enlouquece os invasores. O afã de encontrar ouro, custe o que custar, e a necessidade de demonstrar aos reis que os gastos iniciados com a aventura das três caravelas não foram inúteis, converteram Colombo num buscador de ouro e em um caçador de escravos para serem vendidos na Espanha.¹

É muito difícil aos indígenas resistir aos espanhóis visto terem esses cavalos e armas feitas de ferro (o que são flechas contra lanças e espadas de ferro?). Para submeter os indígenas tudo era usado, inclusive queimar toda sua liderança viva e enforcar a rainha, como aconteceu em uma dessas ilhas.²

Na conquista da ilha de Cuba, os espanhóis encontraram indígenas que resolveram reagir aos ultrajes provocados contra eles. Hatuey, cabeça da reação, depois de algum tempo de resistência à escravização, é preso e condenado à morte, devendo ser queimado vivo. No momento de ser aceso o fogo, um sacerdote perguntou-lhe sobre o desejo de tornar-se cristão e ser batizado, podendo assim morrer e ir para o céu. Hatuey perguntou-lhe, então: “Os cristãos espanhóis vão para o céu?” O padre respondeu, à maneira católica: “Os que forem bons irão”. Diante disso, o cacique Hatuey respondeu: “Não quero ir para o lugar em que possa encontrá-los”. Ele certamente não podia deixar-se cativar por uma mensagem cristã completamente sem conteúdo ético e por vidas sem consistência, apesar de que os espanhóis tivessem uma “verdadeira paixão pelos ritos externos do catolicismo”.³

Em Cuba e no Caribe o morticínio de indígenas foi tal que as ilhas tiveram de ser repopuladas através de escravos negros de formas que hoje a maioria da população é negra.

Dos países de fala hispânica são os que menos indígenas possuem hoje.

Corobari, outro cacique que se rebelou contra a sede dos espanhóis de tomar tudo que os índios tinham, foi preso, assim como Hatuey, mas, como tinha se tornado cristão, o responsável decidiu que, “conforme era costume com aqueles que haviam recebido o batismo, o mandou afogar antes de queimá-lo na fogueira”.⁴

Para que os cristãos guerreassem contra os indígenas era necessário que a guerra fosse qualificada como “justa”. Como fazer isso? Surgiu para isso o que veio a chamar-se de *requerimento*. Pedrarias, enviado pelo rei Fernando, o Católico, da Espanha, conta sobre a forma como apresentou o *requerimento* a caciques da península de Cenú, em Cartagena:

Requeri a dois caciques de Cenú, por parte do rei de Castela, que fossem súditos deste e lhes fiz saber que havia um só Deus, que era primeiro e único e governava o céu e a terra. E que este havia vindo ao mundo e deixado em seu lugar São Pedro, o qual deixara por seu sucessor o Santo Padre, que era senhor de todo mundo Universo, atuando em lugar de Deus. Este Santo Padre, como Senhor do Universo, havia doado toda aquela terra das Índias e de Cenú ao rei de Castela e, em virtude dessa designação, requeria que eles lhe deixassem aquelas terras pois lhe pertencia. Disse mais, que se quisessem viver nela, como estavam vivendo, que lhes prestassem obediência como seu senhor e lhe dessem como sinal desta obediência alguma coisa a cada ano. Se assim o fizessem, o rei lhes daria ajuda contra seus inimigos (...) Responderam-me (...) Quanto ao fato do papa ter dado aquelas terras ao rei de Castela, disseram que o pontífice deveria estar bêbado quando fez isto, pois dava o que não era seu. E que o rei, que pedia e tomava aquelas terras, deveria estar louco, pois pedia o que era dos outros, mas que fosse lá tomá-las que eles fincariam sua cabeça em um pau, como fizeram com tantas outras (...) Eu tornei a requerer que o fizessem, pois do contrário lhes faria a guerra e lhes tomaria o lugar e que a todos que pegasse mataria ou venderia como escravos.(...)⁵

Os mais vastos extermínios se deram certamente na região do México e do Peru, sedes dos impérios asteca e incaí-

co, reinos indígenas mais urbanizados da América. No México foram construídas mais de 17.000 igrejas com os centavos penosamente ganhos da população indígena.⁶

Hernan Cortês, conquistador do México, fala-nos de sua pena por “não poder incendiar os povoados por temor de que os moradores despertassem antes de serem atacados”.⁷ Aquela que hoje é a cidade do México era cidade bem maior do que as cidades europeias do século XVI, mesmo Londres.

Toda corte de Montezuma foi jogada de sobre uma pirâmide asteca. Mais tarde a pirâmide cultural asteca, que hoje está no centro da cidade do México, foi aterrada e sobre ela foi construída a catedral católica do arcebispado do México. Conta-nos Cortês:

“outro dia, mandei a Pedro de Aloverado que entrasse com toda sua gente em um grande bairro dos inimigos, em que havia mais de mil casas. (...) Sustentamos um combate muito re-nhido com nossos inimigos. (...) Foi tão grande a mortandade entre nossos inimigos (...) de maneira que (...) já não tinham mais por onde andar, a não ser por cima dos mortos ou pelos destroços de suas casas.”⁸

Os espanhóis destruíram uma cultura asteca com centenas de pirâmides, várias delas maiores que as egípcias, com um calendário extremamente preciso, com um senso de justiça. Suas cidades tinham sistemas de aquedutos, suas esculturas são muito precisas, algumas com até seis metros de altura.

No entanto, certamente a experiência incaica foi a mais marcante em termos de volume de violência usada pelo conquistador. Dentre esses, a Atahualpa, chefe indígena sobre a Confederação Quitenha e a de Cusco, coube muitos enfrentamentos. A partir de 1524, dá-se a conquista, sendo que

“os índios, que com a chegada do navio andavam alvoroçados se alteraram muito mais vendo um homem tão grande, coberto de ferro dos pés à cabeça, com barbas no rosto, coisa nunca por eles vista nem jamais imaginada”.⁹

Os índios trouxeram presentes aos espanhóis: esmeraldas. Arrancaram ouro das paredes dos templos ao deus sol, bem como figuras de homens e lhamas.

Cabe-nos perguntar acerca do porquê dos espanhóis terem agido assim para com as nações indígenas da América Latina.

3. As origens do espírito hispânico de conquista

Em 711 A.D. ocorre na Espanha algo que irá marcar indelevelmente a mentalidade futura da nação. Tariq ibn Ziyad chega com suas tropas muçulmanas e ocupa Córdoba e depois Toledo, impondo gradativamente sua visão religioso-política sobre o todo da Espanha, alvo que atingirá belicamente nos próximos 5 anos. Espanha experimentará a ocupação por oito séculos, sendo que o povo, tido como mais católico da história, opôs-se ferrenhamente durante todo esse período. Como se dá, a nível psíquico, nos processos de relacionamento conflitivo, também os espanhóis tornaram-se muito parecidos com seus inimigos, sendo que, pouco a pouco, o fanatismo dos muçulmanos se foi infiltrando nos espanhóis. A vitória final sobre os muçulmanos deu-se em 1492. E é exatamente nesse mesmo ano (12.10.1492) que se dá a chegada de Colombo nas Américas.

Isso nos indica que não houve tempo para que se reciclassem e se distanciassem criticamente do processo de conquista, purgando-se das atitudes geradas pela cruzada interna. Por outro lado, a chegada às terras das Américas foi interpretada como presente de Deus pela fidelidade dos católicos espanhóis por terem resistido à heresia.

Parecia como se Deus houvesse dado à Espanha o dom (presente) de terras virgens por que ela lhe havia entregue seu ser virginal, e, como prova de sua lealdade, havia expulso de seus territórios aos mouros e judeus. (...) ¹⁰

Passou-se a dar ao estado espanhol uma finalidade religiosa, identificando-se trono e altar, patriotismo e religião. Os monarcas tornaram-se sacerdotes-reis.

4. As origens do espírito português de conquista

A experiência portuguesa é distinta da hispânica no que diz respeito à formação de mentalidade. Os muçulmanos foram expulsos de Portugal muito antes.

O que será de relevância é a concepção da origem messiânica de Portugal. A batalha de Ourique (1139), na qual se busca o alargamento do território português, é narrada como momento em que Cristo teria aparecido a Afonso Dom Henrique, animando-o, o que é visto como sinal de que o reino é de origem divina. Essa é a leitura, por exemplo, que Camões faz, em *Os Lusíadas*.

Durante o reinado de Dom Dinis (1279-1325), o papa Clemente V decretou a supressão da “Ordem dos Templários”, que havia sido criada com o objetivo de reunir monges-soldados, com vistas à luta na primeira cruzada, em 1119. Ela era uma ordem muito rica, sendo que servia praticamente como banco dos papas. Em vez de persegui-la, Dom Dinis resolveu criar a “Ordem de Cristo”, versão nacionalizada daquela. Com os seus fundos é que se manterão os projetos de descobrimentos portugueses. É interessante perceber que, na primeira missa realizada em solo brasileiro, Cabral empunha a bandeira da Ordem de Cristo, e não a do Reino de Portugal. Será essa ordem que financiará também os dois séculos de missão jesuítica no Brasil, bem como o projeto educacional jesuítico em Portugal, aspectos esses que moldam toda a mentalidade portuguesa em seu âmago, até que Pombal o interrompe, na segunda metade do século XVIII, com a expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses. É à Ordem de Cristo que foi concedido o direito de jurisdição espiritual sobre as ilhas do Atlântico, bem como na costa da África, até à Índia, na Ásia. A Ordem de Cristo foi, portanto, no caso português, o elemento que possibilitou a união entre fé e império, visto que o rei a presidia. As colônias portuguesas são, portanto, patrimônio da mesma. Estava concedido o direito de *padroa-*

do, o qual será exercitado, na prática, como direito de conquista. Tudo isto era legitimado pela compreensão desenvolvida durante a Idade Média de que o Papa era alguém que possuía autoridade espiritual e temporal sobre o globo terrestre *como um todo, sendo que a ele cabia o direito de cedê-las a quem quisesse*.¹¹ Os projetos colonialistas terão, portanto, legitimação baseada no direito divino, do que vem a base para as interpretações teocráticas que depois se construirão sobre a vida das nações às quais o direito de padroado foi concedido.

A propagação e a manutenção da religião resultou em uma função do Estado, e até o nascimento de nações independentes o papa desempenhou um papel secundário em assuntos religiosos da Ibero-América.¹²

A partir daí tem-se de entender a lógica que existe no fato da Igreja Católica ter se tornado parte do projeto colonialista português.

Outro período que influenciará a mentalidade portuguesa será o governo de Dom Sebastião, entre 1568 e 1578. Dom Sebastião morreu durante a luta contra os muçulmanos, na batalha de Alcácer Quibir. Ele é visto como herói da fé. No século seguinte, construir-se-ão em torno de sua pessoa muitas expectativas messiânicas. É que Portugal retorna, dois anos após a sua morte, ao controle espanhol, situação que perdurará de 1580 a 1640. Em 1640, dá-se o que se usa chamar de *Restauração*. Ela é vista como concretização do que o messianismo sebastianista anelava: a ressurreição de Portugal, o qual é visto, à luz de Daniel 2, como “o quinto império, que absorveria o mundo, formando um apocalipse das lendas maravilhosas de Dom Sebastião”.¹³ Os jesuítas desempenham um papel relevante na propagação dessa visão messiânica, elemento chave para a generalização da insurreição contra os espanhóis e a restauração do reino de Portugal. Dentro desse profetismo jesuítico molda-se a alma coletiva portuguesa. O messianismo marcará indelevelmente o pensamento

português e reaparecerá, vez por outra, até o século XIX. A nação restaurada “era como devia ser um bom filho da Companhia: uma sombra apenas, fantasma sem fisionomia nem caráter, passivo, obediente, nulo, idiota e beato”.¹⁴ Portugal torna-se “um jesuíta coletivo”.¹⁵

No século XVI, havia em Portugal três correntes messiânicas, vinculadas a três grupos sociais distintos: a dos cristãos-novos (judeus que foram obrigados a se batizar no século XV); cristãos-velhos (que seguiam dentro de uma orientação iniciada por Joaquim de Fiore (1130-1202), que tinha expectativa pelo surgimento de uma nova era, feliz e abençoada); e comerciantes (que entenderam os descobrimentos como fato inusitado da história; sua euforia é tipificada em “Os Lusíadas”).¹⁶ Em 1530, essas três correntes canalizam-se nas trovas de Bandarra, que significam uma tentativa de dar sentido à história de Portugal.

As “trovas” de Bandarra profetizaram acerca de um rei que dominaria o mundo inteiro e sob cujo império o único Deus verdadeiro seria adorado. Os judeus viram nesse rei o seu messias e os cristãos a realização do reino de Deus. Este messianismo foi tão poderosamente propagado que nem a Inquisição conseguiu reprimi-lo. É dentro deste messianismo que temos que entender o evento de Ourique, a lenda fundadora de Portugal (...). Esta lenda atribuiu a fundação de Portugal ao próprio Cristo que teria aparecido a Dom Afonso I Henriques em Ourique no ano 1139, prometendo-lhe fundar “o Reino de Deus por Portugal. Portugal seria o quinto império (após Assíria, Pérsia, Grécia e Roma), um reino de paz definitivo e universal”.¹⁷

Gonçalo Annes, o Bandarra, sapateiro de Tancoso, presente, em suas trovas,

“referências ao futuro Rei-Imperador, ao cão derrotado (o muçulmano diabolizado), à conquista dos reinos africanos e à imposição imperial de um reino de paz e de verdade”.¹⁸

As trovas são expressão de um “patriotismo de expansão, um sonho imperial”.¹⁹ Era por elas que “aprendiam a ler os meninos das escolas, principalmente na Beira”,²⁰ o que, por si só já é um indicativo de sua influência na formação da

mentalidade portuguesa. A visão do Bandarra acerca da história de Portugal é endossada por Antônio Vieira, o qual o vê como “verdadeiro profeta”, o que lhe era uma questão provada pelo cumprimento de suas profecias.²¹

É sobre esse princípio messiânico que o mesmo Antônio Vieira (1608-1697), o jesuíta mais famoso da história do Brasil, irá construir sua teologia: “o Reino de Deus por Portugal”.¹⁸ Portanto, para Vieira,

A história de Portugal é história de salvação, é história sagrada. Deus age nela de maneira contínua. Portugal é o seminário da fé a ser propagada por África, Ásia e América. As caravelas portuguesas são de Deus e nelas vão juntos os missionários e os soldados, pois não só são apóstolos os missionários, senão também os soldados e capitães, porque todos vão buscar gentios e trazê-los ao lume da fé e ao grêmio da igreja’ (cit. De Bie, 320). ‘Nas outras terras uns são ministros do evangelho e outros não; nas conquistas de Portugal, todos são ministros do evangelho’ (cit. De Bie, 320).

Neste contexto a separação entre Igreja e Estado não tem sentido, pois poderia enfraquecer a obra missionária.²²

Em 1641, Vieira simpatiza com essa euforia messiânica, sendo que o princípio messiânico tornar-se-á o elemento unificador de sua teologia. Ele mesmo expressa-lo-á, dizendo:

O Reino de Portugal enquanto reino e enquanto monarquia está obrigado, não só por caridade mas de justiça, a procurar efetivamente a conversão e salvação dos gentios, a qual muitos deles por sua incapacidade e ignorância invencível não são obrigados. Tem esta obrigação enquanto reino: por que este foi o fim particular para o qual Cristo o fundou e instituiu como consta da mesma instituição. E tem esta obrigação enquanto monarquia: por que este foi o intento e contrato com que os Sumo Pontífices lhes concederam o direito das conquistas, como consta de tantas bulas apostólicas. (...)

A visão messiânica e entusiasta de Vieira faz com que ele passe por cima de todas as contradições, todas as tragédias humanas das quais é testemunha, todas as manifestações de egoísmo por parte da coroa portuguesa: Deus luta com Portugal contra os holandeses, mas quando os holandeses tomam a cidade de São Luís do Maranhão, por exemplo, isso é castigo de Deus. A

escritura sagrada testemunha que os negros da Etiópia têm que ser humilhados pelos brancos (Is. 18.1,2; Sl. 72.9: "Curvem-se diante dele os habitantes da Etiópia"), mas esta escravidão é caminho de salvação para os africanos (...). Os índios são livres por vontade de Deus, contudo eles vivem numa "ignorância invencível", de sorte que a catequese lhes é necessária para a salvação.²³

O aspecto peculiar de Portugal e seus reis está exatamente na criação divina:

Todos os reis são de Deus, mas os outros reis são de Deus feitos pelos homens: o rei de Portugal é de Deus, e feito por Deus, e por isso mais propriamente seu.²⁴

Deus primeiramente fundou o reino lusitano, no futuro, o império lusitano.²⁵ Esse império será o quinto do sonho de Nabucodonosor (Dn. 2). Assim como Deus escolheu Davi, o caçula de Jessé, para derrotar Golias, assim também Deus escolheu Portugal, reino pequeno, para derrotar o império turco, que conquistou Jerusalém.²⁶ Se o primeiro império surgiu no Oriente, o último será do Ocidente. Dentre os ocidentais, Portugal possui situação geográfica privilegiada: a libertação virá através de Lisboa. O reino de Deus implantar-se-á no mundo através de Portugal. Ele, afinal, tem sido o meio de propagação da fé em Ásia, África e Américas. Portugal é o seminário, onde se gesta a fé a ser propagada pelo mundo inteiro.²⁷

5. O modelo missionário implantado no Brasil

Mesmo que não tenham sido os primeiros missionários a chegar no Brasil, certamente os jesuítas foram os que mais marcaram a experiência religiosa no decorrer do Brasil colonial.

Manuel da Nóbrega, primeiro provincial da Companhia de Jesus no Brasil, tendo chegado em 1549, nesse mesmo ano escreve ao provincial de Lisboa, dizendo: "Esta terra é nossa empresa (...) Não deixe lá mais que uns poucos para aprender, os demais venham".²⁸ Nóbrega chegara ao Brasil, acom-

panhando a armada de Tomé de Souza, que vem para criar o Governo Geral.²⁹ Missão jesuíta e colonialismo português no Brasil têm, portanto, a mesma data de nascimento. Com a vinda posterior de Mem de Sá, para ocupar o lugar de Tomé de Souza, a unificação de esforços entre colonização e missão jesuítica é ainda maior, de formas que em 1559 a 1570, Nóbrega é mais estadista do que evangelizador católico.³⁰ De acordo com a compreensão do mais renomado historiador do jesuitismo brasileiro:

(...) a conversão do Gentio continuou a ser fundamental, mas subordinada por assim dizer a uma intenção política imediata: o estabelecimento de uma autoridade robusta, que permitisse a segurança dos moradores e a expansão territorial indispensável para o progresso da conversão. (...) ³¹

Em termos de modelo missiológico, Nóbrega é de opinião que primeiramente é necessário sujeitá-los e fazê-los viver como criaturas racionais.³² Os indígenas têm de viver sob temor e sujeição, de formas que

Além das proibições de que pratiquem antropofagia, guerreiem sem licença do Governador, sejam polígamos, andem nus, tenham feiticeiros, Nóbrega acrescenta que é necessário

fazê-los viver quietos sem se mudarem para outra parte, se não for para entre cristãos, tendo terras repartidas que lhes bastem, e com estes Padres da Companhia para os doutrina-rem.³³

Com isto, temos o surgimento do modelo missionário dos *aldeamentos*, sendo que Nóbrega opina que sem eles “não se podem doutrinar nem sujeitar nem metê-los em ordem”.³⁴ Essa descrição do primeiro provincial da Companhia de Jesus do Brasil (e, por conseguinte, de toda América Latina) sintetiza bem as intenções primitivas vinculadas ao projeto missiológico. A sujeição e aldeamento dos nativos são vistos como o único meio de educar seus filhos e netos, e dessa forma cristianizá-los. Educação e civilização, sujeição à autoridade e adoração a alguma coisa,³⁵ bem como as mudanças de com-

portamento acima descritas, são vistos como condições necessárias para a cristianização dos indígenas. Essa perspectiva missiológica marca indelevelmente o catolicismo colonial.

6. Era possível algo distinto?

Devido ao controle sobre as iniciativas, atividades e decisões eclesiásticas que o direito de Padroado³⁶ concedera aos reis de Portugal e Espanha, teríamos de dizer que algo radicalmente distinto do que até aqui foi exposto era praticamente impossível de ocorrer por muito tempo. Aqueles cristãos que questionaram radicalmente práticas como a de escravização dos negros, por exemplo, foram encarcerados ou deportados. Não obstante, houve toda uma “linhagem” de sacerdotes que valentemente significou uma voz profética frente ao que aqui se dava. Nesse momento, interessa-nos trazer alguns enfoques acerca do mais conhecido dentre esses: Bartolomeu de las Casas (1474-1566).

Bartolomeu de Las Casas

Las Casas era filho de um mercador que embarcou para a América latina na segunda viagem de Colombo, em 1493. Quando retornou para a Europa, em 1498, seu pai lhe levou um escravo índio de presente. Quatro anos mais tarde, em 1502, o próprio Las Casas vem às Américas, chegando a Sto. Domingo e Haiti. Ajudou, de imediato, em várias expedições de conquista, recebendo, como recompensa, indígenas como escravos. Como leigo, começou a ensinar aos indígenas o catecismo. Em 1512/3, é ordenado sacerdote através do bispo de Porto Rico ou do de Concepción de la Vega. Em 1513, já como sacerdote, participar do processo de conquista de Cuba. De 1502 a 1514, Bartolomeu foi “cúmplice da conquista do Caribe”³⁶, sendo que viu o comandante da conquista de Cuba degolar, com seus comandados, sete mil índios. Las Casas recebeu terras e índios como pagamento pelos seus serviços. No entanto, foi durante esse ano que residiu ali que

tomou a decisão de abandonar suas posses, seus lotes de escravos e consagrar a vida à defesa dos indígenas do Novo Mundo.³⁷

Essa luta ocupará sua vida até aos 92 anos de idade, em 1566. Sua ação é tremendamente profética em defesa dos índios: passa a acusar o conquistador como opressor que escraviza os nativos até à morte. Sai de Cuba e vai a Sevilha para falar com o rei Fernando da Espanha. Como esse estava moribundo, pensa em procurar o príncipe Carlos (posteriormente, Imperador Carlos V). Fala com Cisneros, futuro regente da Espanha, o qual lhe promete curar a doença social das Américas, sendo Las Casas nomeado “clérigo procurador dos índios”.³⁸ Regressa em 1516. Como não consegue mudar a situação, vai a Valladolid, para estudar as questões jurídicas das Índias. Em 1517, apresenta à corte de Carlos V a defesa de um plano de colonização pacífica (sem armas). Propõe ao rei um “projeto de fundar povos de índios livres, comunidades de lavradores hispano-índios”, o que é aprovado.³⁹ A idéia era introduzir um sistema colonial de trabalho misto. Propõe remédios para conservar viva a população nativa. Porém seu intento de aplicação dessas idéias em Cumaná, na atual Venezuela, fracassa por que Las Casas idealizou a bondade dos indígenas e também por que os espanhóis fizeram o possível para criar obstáculos ao projeto, bem como ocorreu também falta de verbas para sua implementação. No entanto, estavam se moldando concepções que se tornaram importantes na obra teológico-pastoral posterior. os remédios propostos eram:

1. Proibir trabalho indígena (objetivo: repovoamento).
2. Possibilitar vida humanizada (meio: comunidade).
3. Trabalho indígena só poderia ocorrer em parceria com lavradores espanhóis.

O alvo de las Casas era criar um sistema colonial substitutivo, visando proteção e justiça para os índios. Evitar o morticínio generalizado.

Após a frustração desse projeto de colonização pacífica, Las Casas começa, um ano mais tarde, a redigir a “Brevíssima relação da destruição das Índias”, um livro muito polêmico, onde narra o processo de conquista do Caribe, América Central, México, Colômbia, Venezuela e Peru.

Vejamos algumas colocações de Las Casas:

Podemos dar conta boa e certa que em quarenta anos, pela tirania e diabólicas ações dos espanhóis, morreram injustamente mais de doze milhões de pessoas: homens, mulheres e crianças; e verdadeiramente eu creio, e penso não ser absolutamente exagerado, que morreram mais de quinze milhões.⁴⁰

... até os tiranos confessam que jamais os índios causaram desprazer algum aos espanhóis, que os consideravam como des-cidos do céu até o momento em que eles, ou seus vizinhos, provaram os efeitos da tirania.⁴¹

Os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil. Faziam apostas sobre quem, de um só golpe de espada, fenderia e abriria um homem pela metade, ou quem, mais habilmente e mais destramente, de um só golpe, lhe cortaria a cabeça, ou ainda sobre quem abriria melhor as entranhas de um homem de um só golpe.⁴²

Mencionando carta do bispo da província de Santa Marta ao rei da Espanha, Las Casas escreve:

Sua Majestade saberá também que nestes países não há cristãos; o que existe são diabos e não servidores de Deus e do Rei: o que existe são traidores à Lei e traidores ao Rei. E na verdade o maior empecilho que encontro em reduzir os índios que estão em guerra e pacificá-los e conduzir os que estão em paz ao conhecimento de nossa Fé, é o tratamento desumano e cruel que aqueles que estão em paz recebem dos espanhóis e disso estão de tal modo desgostosos e ultrajados que a nada têm mais ódio e mais horror do que ao nome de Cristãos, os quais em todos esses países são chamados “Yares”, que quer dizer Diabos. E em toda a extensão da palavra, eles têm razão. Pois os atos que praticam aqui não são nem de Cristãos, nem de homens que usem a razão

e sim de diabos; de modo que os índios, vendo esse comportamento geralmente tão estranho a toda humanidade e toda misericórdia (...) crêem que os cristãos têm essas cousas por lei e que seu Deus e seu Rei são os autores desses atos.⁴³

... Deus foi muito ultrajado e Sua Majestade mal servida ...

... até a hora presente destruíram-se e desolaram-se mil vezes mais almas do que se tenha contado; e destruíram-se sem o menor temor de Deus e do Rei e com menos piedade ainda, uma grande parte do mundo: até hoje mataram nesse Reino (e estão ainda matando) mais de quatro milhões de pessoas.⁴⁴

Direi mais, que desde o começo até a hora presente os espanhóis nunca tiveram o mínimo cuidado em procurar fazer com que a essas gentes fosse pregada a fé de Jesus Cristo, como se os índios fossem cães ou outros animais: e o que é pior ainda é que proibiram expressamente aos religiosos, causando-lhes inumeráveis aflições e perseguições, a fim de que não pegassem, porque acreditavam que isso os impediria de adquirir o ouro e riquezas que a avareza lhes prometia. ...

... pela misericórdia de Deus vim a esta Corte de Espanha lutar para que o Inferno seja tirado das Índias, a fim de que essas almas infinitas, resgatadas pelo sangue de Jesus Cristo, não pereçam para todo o sempre e irremediavelmente; (...)⁴⁵

A partir do fracasso do projeto de Cumaná, Las Casas começa a incentivar a escravidão negra como meio de resgatar índios do estado de escravidão.⁴⁶ Las Casas não escapa da influência das idéias generalizadas em sua época: como os negros eram escravizados há mais tempo, julgava-se-os mais resistentes ao trabalho físico pesado. Só mais tarde descobrirá que a escravidão negra é roubo e opressão⁴⁷, retratando-se do incentivo que dera à escravidão negra⁴⁸.

Por doze anos, ele vive em São Domingos, onde dedica-se a trabalhos literários. Tendo ido à Nicarágua, teve de fugir para a Guatemala devido às reações dos colonizadores contra suas idéias pacifistas de colonização.

Em 1527, escreve **História das Índias**, uma interpretação profético-teológica da conquista em que apresenta detalhes do processo, sendo que é um estudo mais aprofundado

daquilo que era retratado sinteticamente na **Brevíssima relação da destruição das Índias**, cujas ênfases já apresentamos acima.

Em 1537, escreve **O único modo de chamar todos os povos à fé**. A tese central desse livro afirma que os índios estão incluídos na ordem de Cristo de pregar o evangelho a toda criatura. As guerras feitas pelos espanhóis contra eles são injustas e tirânicas. As riquezas tiradas deles, bem como suas terras, devem ser devolvidas. A única maneira de influenciar os seres racionais é pela persuasão de seu entendimento. Ao contrário da opinião generalizada de que os índios eram seres sem alma, portanto, incapazes de serem evangelizados, Las Casas considera-os seres dotados de entendimento excepcional. Se os meios pacíficos não derem resultado positivo no processo da cristianização do índio, a única coisa que os espanhóis teriam de fazer é abandonar o local.

O método de Las Casas foi posto em dúvida. Ele foi desafiado a pô-lo em prática na província de tuzulutlan, na Guatemala, a única terra ainda por conquistar naquela região, também conhecida como “Terra de Guerra”, após três tentativas frustradas de vitória sobre os índios por parte dos espanhóis. Las Casas, junto com outros dominicanos, compôs uma história cantada do Cristianismo e ensinou-a a quatro comerciantes índios cristãos, acostumados a trafegar por aquela região de índios ferozes. Eles andavam por ali, agora, cantando. Quando os indígenas queriam saber mais, os quatro cristãos diziam que só os sacerdotes podiam contar-lhes mais sobre o assunto. Assim esses foram convidados a adentrar naquela região e iniciaram o trabalho catequético. O processo foi parcialmente bem sucedido, de formas que a “Terra de Guerra” passou a ser chamada “Terra de Vera Paz”, mas tudo teve de ser interrompido devido à rivalidade de tribos vizinhas. Outros missionários aplicaram esse método proposto por Las Casas em outros lugares. Para ele, é necessário encontrar meios de mover e atrair suavemente a vontade dos indígenas,

através de muita persistência e repetição, até que o cristianismo se torne hábito. Os ouvintes devem compreender que os pregadores não querem dominá-los e não ambicionam suas riquezas, vendo tudo isso confirmado em seu exemplo de vida.

Nesse mesmo ano de 1537, o papa Paulo III, através de encíclica, reconhece oficialmente a dignidade do índio, e que ele possui alma. Em 1540, Las Casas dirige-se à Espanha, onde publica a **Brevíssima relação...** . Esse livro tem influência sobre as idéias de Francisco de la Vitória, o qual irá exercer grande papel na elaboração de novas leis regedoras do processo da conquista. Então, devido em boa parte ao impacto desse livro de Las Casas, Carlos V promulga as leis de acordo com as quais os índios recuperariam a liberdade. Carlos V também promove Las Casas a bispo de Chiapas, região do México. A oposição dos conquistadores e colonizadores do Peru, porém, foi tão forte que o próprio rei viu-se obrigado a modificar tais leis, e os abusos continuaram. Las Casas, no entanto, foi inflexível com os encomendeiros de sua área de bispado: no confessionário a absolvição era negada aos que possuem índios como escravos. Em 1550, Las Casas renuncia ao bispado. Passará seus últimos anos de vida como consultor de governantes e missionários. Simon Bolívar, no século XIX, inspirar-se-á nele como modelo na luta contra Espanha pela independência da América Latina.

Para Las Casas, evangelização realiza-se em conjugação com condições justas e humanitárias. Paz e justiça são somadas ao anúncio da boa nova. A hispanização não é vista por ele como necessária a esse processo. Percebe-se que tudo era feito com convicção e audácia. Ele não desanimou. Antes de propor alternativas, fez análise profunda da situação. Ele viu o que estava errado e procurou mudar, partiu da realidade. No entanto, não chegou a formar grupo que trabalhasse em conjunto com ele.

(...) Suas obras foram proibidas no Peru em 1552 e na Espanha alguns anos mais tarde. Em meados do século seguinte, a Inquisição proibiu a leitura das obras de Las Casas.⁴⁹

7. E agora?

A título de conclusão, gostaria de apresentar alguns comentários sobre as conseqüências do acima visto para o nosso ser e agir cristão nos dias de hoje.

1. “Quinhentos anos de *evangelização*” certamente não podem ser usados como dêsignativo do ocorrido no período da presença européia na América Latina. O que se deu nesse longo percurso é o que poderia ser designado de *cristianização* do continente, o que equivale a dizer que, em boa medida, o que ocorreu foi como que a passagem de um verniz cultural, composto por alguns elementos de cristianismo, por sobre a população nativa. Vive-se, portanto, ainda hoje uma experiência de pré-evangelização da população latino-americana. Devemos abster-nos de cair nos sofismas legitimadores da religiosidade popular, em geral, como sendo *cristã*. Seria mais coerente, em vez de falarmos em religiosidade popular, reconhecer a existência de imensa gama de “religiões populares” que têm recebido aquele designativo em boa medida pela pretensão de mantê-las sob o “guarda-chuva” das estruturas eclesiásticas que trabalham ainda com conceitos de posse sobre a membresia tradicional.

2. A consciência das crueldades cometidas aos indígenas e negros deveria produzir impulsos em direção à uma justiça restitutiva. A luta pela dignidade e pela justiça com relação àqueles que historicamente têm sido submetidos a ultrajes de todo tipo necessariamente tem de ser ingrediente da prática missionária, ao lado do anseio pela evangelização da América Latina nesta geração.

3. Parece-me necessária também uma maior clareza sobre as razões históricas provocadoras da violência contra os

nativos, com todos seus elementos multifacéticos. Nesse sentido, muito do falar sobre os 500 anos de cristianização da América Latina tem carecido de mais seriedade. Visões generalísticas têm provocado um sem número de mal-entendidos. A abordagem das origens do espírito hispânico de conquista e do espírito luso de conquista queria prestar-se a um pequeno ensaio sobre a questão. Tínhamos de nos dar cada vez mais conta de que a América não é basicamente hispânica, como por vezes se percebeu expresso nas várias publicações sobre a temática que aqui nos ocupa. Por outro lado, há o risco de se cair no extremo de julgar que a experiência portuguesa vale para a interpretação do todo (Que Deus nos proteja de, no ano 2000, ao comemorarmos os 500 anos da *evangelização do Brasil, cair nisso!*). Tem de se evitar também a tese de que nossa fonte de cristianização tenha sido unicamente ibérica, ou mesmo somente latina. Nesse aspecto, a culpa do que se deu não é apenas atribuível aos mui católicos reis de Portugal e Espanha. Também os paladinos do protestantismo são cooperadores nessa obra, visto que, em especial no Caribe, mas também no Brasil Colônia, estiveram bem presentes em meio aos projetos coloniais. Nosso alvo não foi o de apresentar uma teoria geral sobre as causas da conquista ter ocorrido da forma como se deu, mas sim apontara par algumas dissonâncias entre a visão hispânica e a portuguesa. Nessa distinção encontram-se, em forma latente, algumas causas do estado atual. Alerto, por exemplo, para o fato de que a visão messiânica tem irrompido em vários momentos da história religiosa brasileira. Também na interpretação de nossa história religiosa, o passado distante pode, portanto, iluminar fatos mais recentes.

4. Longe de mim, pensar que o até aqui apresentado espelhe uma visão mais do que artesanal dos 500 anos de cristianização da América latina. O modelo missionário jesuítico implantado no Brasil por Nóbrega e o implantado na América hispânica por Las Casas são apenas dois exemplos do que

ocorreu, servindo basicamente como ilustração do sem número de opções missionárias assumidas no decorrer de nossa história. A opção por focalizá-las quer salientar as diferenças metodológicas viáveis dentro de um projeto de cristandade, onde cristianização e colonização, fé e império, cruz e espada, atuam em parceria.

5. Las Casas nos apresenta uma leitura crítica da colonização espanhola em que introduz a constatação da presença do “demoníaco” por detrás da ação dos indivíduos e da coletividade. A teologia racionalista dos dois últimos séculos, no entanto, tem deixado de contar com essa possibilidade, o que *certamente tem significado uma amputação da teologia cristã*. É a negação da existência do demoníaco que tem conduzido a que se encarém pessoas como inimigas, sem perceber a estrutura de poder que se encontra por detrás das mesmas e que as influencia. A percepção de las Casas leva-o a reconhecer que a fé cristã não era tão absoluta no governo da mentalidade e da ação, como por vezes se supõe ao abordar o projeto de cristandade aplicado na história latino-americana.

Las Casas teve ciência de que a grande perdedora, devido à visão generalizada entre os nativos de que a totalidade dos espanhóis era de cristãos, foi a causa evangélica. Para ele, o resultado é que Deus foi muito ultrajado. É a visão do demoníaco que o leva a suplicar e a agir para que o “o inferno seja tirado das Índias, a fim de que essas almas infinitas (...) não pereçam para todo sempre e irremediavelmente (...)”.

6. Temos de ter criatividade para desenvolver métodos cativantes de evangelização, como Las Casas e os mercadores indígenas fizeram na “Terra de Guerra”. Os cristãos primitivos *certamente tiveram uma maneira toda própria de cativar* os que conheceram a seriedade de sua experiência de fé, de tal forma que contaram “com a simpatia de todo povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At. 2.47). Ação de Deus mediada pela simpatia dos crentes, esse é o desafio de que necessitamos para resga-

tar a característica missionária do povo de Deus! Mesmo após a experiência disciplinadora tão rude como a exercida sobre Ananias e Safira, ouve-se que, com relação aos cristãos movidos pelo Espírito Santo, “o povo lhes tributava grande admiração. E crescia mais e mais a multidão de crentes” (At. 5.13s). Experiência tão distinta do cristianismo pacato de nossos dias!

Notas

1. Josefina OLIVA DE COLL, **A Resistência Indígena**; do México à Patagônia; a história da luta dos índios contra os conquistadores. P. Alegre, LPM, 1986. p. 18s.

2. *Ibid.*, p. 24s.

3. Juan A. MACKAY, **El Otro Cristo Español**. México/B.Airés, CUP-SA/Aurora, 1952. *Coleccion Renovacion IV*. p. 50.

4. Josefina OLIVA DE COLL, *op. cit.*, p. 49.

5. LAS CASAS, **História de las Índias**, v. 3, cap. LVII.

6. Juan A. MACKAY, *op. cit.*, p. 64.

7. Josefina OLIVA DE COLL, *op. cit.*, p. 64.

8. *Apud* Josefina OLIVA DE COLL, *op. cit.*, p. 77

9. Josefina OLIVA DE COLL, *op. cit.*, p. 155

10. Juan A. MACKAY, *op. cit.*, p. 39.

11. Para melhores informações veja-se: FLUCK, Marlon R. O papado: síntese das principais decisões ocorridas na Idade Média. In: DREHER, Martin N. (Ed.). **Peregrinação**; estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer, pela passagem de seu 60º aniversário. S. Leopoldo, Sinodal, 1990. p. 113-120.

12. Juan A. MACKAY, *op. cit.*, p. 56.

13. Oliveira MARTINS. **História de Portugal**. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1982. (Livros de bolso, 323). v. 2. p. 86.

14. *Ibid.*, p. 80.

15. *Ibid.*, p. 83.

16. Cf. Eduardo HOORNAERT, **Teologia e Ação Pastoral em Antonio Vieira SJ: 1652-1661**. In: MADURO, Otto *et alii*. **História da Teologia na América Latina**. São Paulo, Paulinas, 1981. (Teologia em Diálogo). p. 64.

17. *Ibid.*, p. 64

18. Antonio QUADROS, **Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista**; o Sebastianismo em Portugal e no Brasil. Lisboa, Guimarães & c. Editores, 1982. v. I. p. 24.

19. *Ibid.*, p. 33.

20. Hernani CIDADE. Prefácio. In: Pe. Antonio VIEIRA. **Defesa Perante o Tribunal do Santo Officio**. Bahia, Universidade da Bahia, 1957. t. 1. p. XXI.

21. Ele defende tal axioma longamente em: Antonio VIEIRA, *op. cit.*, p. 50-164.
22. *Ibid.*, p. 65.
23. *Ibid.*, p. 36.
24. Antonio VIEIRA, Sermão gratulatorio e panegyrico. *In: Obras Completas*; sermões. Porto/Lisboa, Lello & irmãos/Aillaud & Lellos, 1951. v. 15. p. 218.
25. Cf. Antonio Vieira, **Sermão gratulatorio e panegyrico**, p. 207.
26. Cf. *Ibid.*, p. 73s.
27. Cf. Eduardo HOORNAERT, A cristandade durante a primeira época colonial. *In: Eduardo HOORNAERT et alii, História geral da igreja na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1977. t. 2. p. 359.
28. Manuel da Nóbrega, **Cartas do Brasil e mais escritos** (Ópera Omnia). Coimbra, Universidade de Coimbra, s.d. (Acta Universitatis Coimbrigensis). p. 13.
29. Cf. Serafim LEITE, Introdução geral. *In: Manuel da Nóbrega, op. cit.*, p. 13
30. Cf. *ibid.*, p. 24-27.
31. *Ibid.*, p. 24 s.
32. Cf. Manuel da NÓBREGA, *op. cit.*, p. 278.
33. *Ibid.*, p. 282s.
34. *Ibid.*, p. 284.
35. Cf. *ibid.*, p. 217, 220s.
36. Henrique D. DUSSEL, **Desintegracion de la Cristandad Colonial y Liberacion - Perspectiva Latinoamericana**. Salamanca, Sigüeme, 1978. p. 140.
37. Eduardo BUENO, Apresentação. *In: Bartolomé de LAS CASAS, Brevíssima Relação da Destruição das Índias*. O paraíso destruído. P. Alegre, LPM, 1984. (Coleção História/Série Visão dos Vencidos). p. 16.
38. Henrique D. DUSSEL, *op. cit.*, p. 141.
39. *Ibid.*, p. 141.
40. Bartolomé de LAS CASAS, **Brevíssima relação da destruição das índias**, p. 29.
41. *Ibid.*, p. 29.
42. *Ibid.*, p. 30.
43. *Ibid.*, p. 71.
44. *Ibid.*, p. 76s.
45. *Ibid.*, p. 102s.
46. *Ibid.*, p. 112s.
47. Cf. J.B. LASSEGUE, **La lengua marcha de Las Casas**; seleccion y presentacion de textos. Lima, Centro de Estudios y Publicaciones, 1974. p. 141.
48. Cf. *ibid.*, p. 137.
49. Justo L. GONZALES, **E até aos confins da terra: Uma história ilustrada do Cristianismo**; a era dos conquistadores. S. Paulo, Vida Nova, 1983. v. 7. p. 60s.